

## A IDADE DA PAIXÃO, DE RUBEM MAURO MACHADO

Roberto Acízelo de Souza  
(UERJ)

Início dos anos de 1960, plena vigência de convicções coletivas intensas e antagônicas. No mundo, a guerra fria atinge o que terá sido talvez o seu momento mais agudo: corrida espacial, muro de Berlim, crise cubana. No Brasil, clara ressonância dos embates ideológicos mundiais, além do acirramento das nossas próprias questões domésticas: a partir da surpreendente renúncia de um presidente conservador-populista poucos meses após a posse, os acontecimentos se sucedem dramáticos e velozes: resistência militar à assunção do seu substituto constitucional, reação de forças políticas contrárias ao golpe de estado virtual, iminência de guerra civil, e enfim saída conciliadora, via mudança do sistema de governo, de presidencialismo para parlamentarismo. E tal estado de coisas, longe de constituir uma realidade abstrata e distante, impregnava o cotidiano: as pessoas se alinhavam com determinada corrente de opinião, se identificavam com este ou aquele partido político, e os conflitos ideológicos assim viravam temas da conversação comum, conduzindo com frequência os contendores a posições extremas e exaltadas. Ora, numa situação com tais contornos a participação da juventude nas grandes questões públicas e políticas era naturalmente de esperar-se, pois na própria sociedade como um todo se instalava a essência do comportamento jovem: certa insatisfação com o presente, transfigurada em ativismo esperançoso, por força de convicções fervorosas; a vida como projeto, isto é, o ser como sentimento de limitação acionando a expectativa de vir a ser em plenitude.

*A idade da paixão*, a partir do ponto de vista de um jovem estudante, nos oferece um panorama desse passado nem tão remoto assim, mas tão estranho a este nosso presente assinalado pela indiferença generalizada a tudo que não se resolva em satisfação imediata de interesses individuais, presente em que a espetacular melhora das condições materiais da vida, acenando com a satisfação de todos os apetites consumistas, parece ter amortecido as consciências, cada vez menos sensíveis a valores como solidariedade, honra, dignidade. O título do

romance contém assim duas referências sobrepostas: tanto o mundo quanto o narrador-protagonista vivem a sua “idade da paixão”, isto é, aquele instante da trajetória tanto das coletividades quanto dos indivíduos em que a existência se faz mais densa e mais intensa, em que a rara sensação de ser algo precariamente inscrito entre o que já não é mais e o que ainda será confere uma espessura especial a todas as experiências, tornando a vida uma trepidação entre o júbilo e o desespero, inviabilizados os equilíbrios pacificadores.

A narrativa empreende assim uma reconstituição do passado próximo, minuciosa e terna, porém sempre reflexiva e pois sem qualquer resíduo de sentimentalismo ou nostalgia. Ao contrário, constrói um cenário onde não faltam carências, impasses, dilacerações, sem portanto pretender restaurar supostos “anos dourados”. Desse modo, o contraste entre esta nossa “idade da razão” – fria, pragmática, cética, cínica – e aqueles tempos apaixonados pode resultar de uma inferência dos leitores, mas não de efeito induzido pelo relato, que não cede à tentação, um tanto comum em obras do gênero, de promover uma espécie de apologia sentimental do passado, num esforço de legitimar certo tradicionalismo hostil às dinâmicas sociais.

Quanto ao dilema comum a boa parte da prosa ficcional mais ou menos recente – o de corresponder a exigências em princípio contraditórias: sofisticação intelectual e capacidade de interessar ao grande público –, verifica-se que *A idade da paixão* encontra uma solução tão bem sucedida quanto tecnicamente difícil. Com efeito, tendo por protagonista um jovem escritor em formação, o perfil do personagem favorece ocasiões em que o texto se ocupa com meditações sobre o sentido da literatura, da música, do cinema, da filosofia, em geral concebidas como elementos que possibilitam certo brilho da transcendência em meio à banalidade cinzenta do dia-a-dia. Isso, contudo, que certamente agradará aos gregos, emerge com naturalidade dos próprios lances do enredo, foco de atenção dos troianos, interessados na sequência dos acontecimentos, nas ações do protagonista e demais personagens – seus sonhos, frustrações, lutas, amores –, componentes que também não faltam ao romance.

Enfim, a possibilidade de ler este livro ora relançado, Prêmio Jabuti de melhor romance de 1986, é um das boas coisas desta virada de ano. Não se compreende, porém, a indiferença de sua recepção, tanto agora, por ocasião de sua segunda edição, quanto ao longo des-

ses 20 anos em que, esgotado, permaneceu fora do comércio. Estranho o silêncio da crítica, que parece intimidada no exercício do que dela se espera, isto é, a aferição dos valores literários; estranha a falta de divulgação pela imprensa, incapaz de selecionar com algum critério os muitos títulos encaminhados para publicidade pelas editoras; estranha enfim a falta de exposição dos volumes nas vitrines das livrarias, curvadas talvez à necessidade de propiciar em seus espaços um rodízio vertiginoso para a visibilidade de tanta coisa sem merecimento.

#### REFERÊNCIA

MACHADO, Rubem Mauro. *A idade da paixão*. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006. 286 p.